



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA CONCEIÇÃO FERREIRA TORRES

**EROTISMO E LIBERTAÇÃO FEMININA: A MULHER SOB A AUTORIA DE
HENRIQUETA BELMINDA**

**MONTEIRO/PB
2018**

MARIA CONCEIÇÃO FERREIRA TORRES

**EROTISMO E LIBERTAÇÃO FEMININA: A MULHER SOB A AUTORIA DE
HENRIQUETA BELMINDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ms.Simone dos Santos Alves Ferreira.

**MONTEIRO/PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T689e Torres, Maria Conceicao Ferreira.
Erotismo e libertação feminina [manuscrito] : a mulher sob a autoria de Henriqueta Belminda / Maria Conceicao Ferreira Torres. - 2018.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. A Esposa do Colecionador (Conto). 2. Henriqueta Belminda. 3. Literatura erótica. 4. Erotismo feminino.

21. ed. CDD 801.959

MARIA CONCEIÇÃO FERREIRA TORRES

**EROTISMO E LIBERTAÇÃO FEMININA: A MULHER SOB A AUTORIA DE
HENRIQUETA BELMINDA**

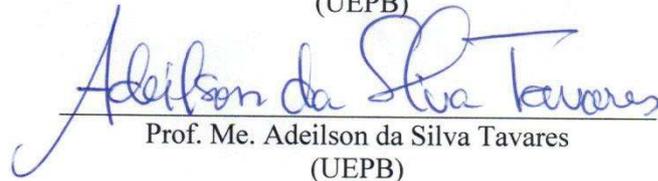
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

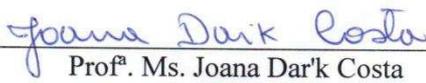
Orientadora: Prof^ª. Ms. Simone dos Santos Alves Ferreira.

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof^ª. Ms. Simone dos Santos Alves Ferreira (Orientadora)
(UEPB)


Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares
(UEPB)


Prof^ª. Ms. Joana Dar'k Costa
(UEPB)

Dedico este trabalho a Deus,
aos meus familiares, marido e filhas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela força e proteção na vida.

Agradeço à UEPB, todo corpo docente pela contribuição na minha formação profissional e pessoal, principalmente a minha orientadora pela força, carinho e contribuição neste estudo.

Ao meu esposo, minhas filhas Andressa, Aiana e Ianka, que sempre foram meu alicerce nesta vida.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Uma menina tímida, delicada e sonhadora...
Uma mulher decidida, forte e real.
Foi o tempo que passou, modificou e aperfeiçoou.

Célia Cristina Prado

RESUMO

Falar de mulher é falar de grandes vitórias e obstáculos superados ao longo do tempo, pois a mulher tem se superado na luta por visibilidade no âmbito social, e tem demonstrado que é possível avançar em todos os aspectos quando se busca direitos e posição em prol da emancipação social. Nesse sentido, nosso trabalho pretende analisar a temática do erotismo a partir da autoria de Henriqueta Belminda, evidenciando a construção de perfis femininos transgressores que fogem do estereótipo patriarcal. O desejo e a sexualidade aparecem de maneira bastante enfática na obra da escritora, por isso, nosso intuito é analisar no conto *A Esposa do Colecionador*, a forma como a mulher quebra as regras impostas pela sociedade, tais como recato e submissão, libertando-se a partir da satisfação de seus desejos eróticos. Para fundamentar teoricamente nossa análise nos baseamos nos apontamentos de Schmidt (1995), Telles (1997) e Lobo (2000) no tocante ao assunto da literatura de autoria feminina. Para discutir sobre o erotismo nos valem das considerações de Battaile (1987), Borges (2010) e Soares (2000). A análise nos mostra a construção de perfis femininos transgressores que subvertem a ordem social, mostrando uma revolução crítica na escrita da autora ao trazer o erotismo como ferramenta para se alcançar a emancipação da mulher, principalmente no que se refere ao aspecto da realização pessoal. Além disso, nos proporciona adentrar em um tema que ainda hoje é tabu na sociedade, sobretudo, no que se refere à sexualidade feminina.

Palavras-chave: Erotismo. Literatura de autoria feminina. transgressão.

ABSTRACT

To speak of women is to speak of great victories and obstacles overcome over time, since women have overcome the struggle for visibility in the social sphere, and have demonstrated that it is possible to advance in all aspects when seeking rights and position for the sake of social emancipation. In this sense, our work intends to analyze the thematic of the eroticism from the author of *Henriqueta Belminda*, evidencing the construction of transgressive feminine profiles that flee from the patriarchal stereotype. Desire and sexuality appear quite emphatically in the work of the writer, so our intention is to analyze in the story *The Wife of the Collector*, the way in which women break the rules imposed by society, such as modesty and submission, from the satisfaction of their erotic desires. In order to base our analysis theoretically, we rely on Schmidt (1995), Telles (1997) and Lobo (2000) on the subject of female authorship literature. To discuss eroticism we use the considerations of Battaile (1987), Borges (2010) and Soares (2000). Finally, we use the theoretical concepts discussed for the analysis of the stories. The analysis shows us the construction of transgressing female profiles that subvert the social order, showing a critical revolution in the author's writing to bring eroticism as a tool to achieve the emancipation of women, especially with regard to the aspect of personal fulfillment. In addition, it allows us to enter into a topic that is still taboo in society, especially regarding female sexuality.

Keywords: Eroticism. Literature of female authorship. transgression.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CAPÍTULO I – A SITUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE E NA LITERATURA BRASILEIRA.....	13
1.1 <i>A Mulher no viés histórico.....</i>	13
1.2 <i>A Mulher no Papel de Autora na Literatura.....</i>	17
2 CAPÍTULO II – EROTISMO NA VISÃO FEMININA.....	22
2.1 <i>O erotismo como tema na narrativa de autoria feminina.....</i>	22
2.2 <i>A transgressão feminina do Conto A Esposa do Colecionador.....</i>	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

A representação e posição da mulher na sociedade contemporânea são assuntos bastante difundidos no meio acadêmico, político, social, cultural, e demais áreas que tratem da condição das mulheres em diferentes instancias sociais, como: escolas, famílias, comunidade, associações. Elas vêm conquistando espaços diversos, de destaque (chefias e administração), mostrando-se capazes de lidar com situações que necessitem de agilidades, conhecimentos, gestão, e outras habilidades que demonstrem suas capacidades de lidar com situações diversas.

No entanto, o destaque social da mulher ao longo do tempo não foi facilmente observado, pois existiam dificuldades que as levaram a ficar a sombra da figura masculina, incumbidas apenas ao lar e a criação dos filhos, impostas a um sistema patriarcal, de uma cultura machista. As mulheres, por sua vez, se deparavam com grandes desafios a serem vencidos para viverem a sua própria vida, sem depender de terceiros.

Sempre existiu um sistema social em que os homens prevaleciam como dominadores dos acontecimentos sociais e familiares, cabendo à mulher viver submissa, reprimida, obedecendo aos preceitos impostos pelo marido e/ou o pai, visivelmente uma serva do lar, da cama, dos filhos, sem ter voz e posicionamento diante de diferentes áreas, inclusive nas letras, sendo impossibilitadas de escrever sobre quaisquer assuntos. De acordo com Telles (1997), as mulheres durante o século XIX eram obrigadas a ficar dentro de suas casas, obedecendo aos comandos do pai e do marido. Mas, como o passar dos tempos, a mulher passou a ganhar mais espaços sociais, e inclusive na literatura, fazendo-se presente em produções tanto de autoria masculina quanto feminina.

Na contemporaneidade mostra-se que a mulher tem grande destaque, pois, além de estar em toda parte, ela cada vez mais torna-se visível e atuante; saem de suas próprias casas e ganham as ruas e a vida. Estão trabalhando e sustentam sua família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, gastam, compram, amam e odeiam, de forma que quebrem tabus e tradições. Desta forma, com tantas mudanças, e avanços, é necessário que se analise os passos dados por elas, para que seja possível esclarecer caminhos, sair de si próprio e pensar no coletivo.

Saindo de uma esfera de reclusão e anonimato, a mulher escritora começou a produzir obras literárias que deram maior oportunidade para que tratassem e expusessem seus pensamentos e desejos sobre determinados temas. Dentre estes, está o erotismo, utilizado como uma arma cujo objetivo era quebrar a barreira do preconceito e das limitações dadas às

mulheres em outros tempos, nos quais havia o impedimento de que as mesmas expressassem seus desejos e vivessem livremente suas sexualidades.

E, pensando por este viés, o erotismo é visto como um aspecto da vida interior do ser humano, respondendo à interioridade do desejo referente a um objeto, que, por sua vez, depende sempre dos gostos pessoais do indivíduo. Desta forma:

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças. (BATAILLE, 1987, p. 10).

Assim, o referido autor reflete que o ato sexual está para todos os seres, mas que a utilização das relações eróticas está apenas para o homem, que se deve utilizar da maneira mais pertinente, inclusive para ter um maior posicionamento social e agir de acordo com seus desejos. Dessa maneira, podemos sugerir que o erotismo é visto como um tema que possibilita maior acesso da mulher no meio social, pois a figura feminina se apresenta como igualitária e emancipada quanto a seus desejos sexuais e a descrição erótica de seus desejos, já que, por um longo tempo, a mesma foi “impedida”, digamos, de sentir prazer; o seu corpo servia apenas para reproduzir, e não para a satisfação sexual. Por isso, o erotismo como tema em uma narrativa de autoria feminina traz uma grande importância no papel da mulher em sociedade como forma de emancipação.

O livro *A esposa do colecionador* (2011) de Henriqueta Belminda apresenta contos eróticos com uma discussão sobre o sufocamento imposto às mulheres no que se refere à sexualidade, trazendo o sexo por prazer como forma de libertação do corpo feminino, a fim de evidenciar o prazer sexual, assim como, através das personagens, explora uma representação de perfis de mulheres donas de si e do seu corpo.

Partindo desse pressuposto, nosso objetivo geral é evidenciar o erotismo na elaboração do perfil de mulher transgressora no conto *A Esposa do Colecionador* do autor supracitado. E, como objetivos específicos, visamos observar a condição da mulher na sociedade, que, ao longo do tempo, se sustentou sob o viés patriarcalista, procurando, a partir disso, refletir acerca do erotismo como uma forma de emancipação feminina numa sociedade ainda repressora quando o assunto é sexualidade e desejo feminino. Assim, evidencia-se a representação da mulher, no conto escolhido, mostrando em que aspectos Ana Rosa transgrediu o ideal patriarcal e procura se emancipar por meio da liberação e vivência dos seus desejos mais íntimos.

O fato do conto se voltar para a análise de uma mulher em busca de realização sexual a partir de uma escrita de autoria feminina configurou-se, para nós, como pertinente, já que, mesmo nos dias atuais, ainda é um tema tabu entre a sociedade. Falar de mulher que se impõe e se expõe em busca de realização pessoal e profissional foi o que mais nos motivou a desenvolver o trabalho, como também dar visibilidade à escrita de Henriqueta Belminda, autora ainda carente de trabalhos científicos que versem sobre a sua produção literária. Com isso, nosso intuito foi o de resgatar um tema tão imprescindível para se pensar a representação da mulher em sociedade, assim como dar visibilidade a produção da autora.

Diante disso, nos propomos às seguintes questões de pesquisa: como a mulher é representada no conto *A Esposa do Colecionador* de Henriqueta Belminda? Em que aspectos o perfil de mulher transgressora é evidenciado no conto a partir da realização do desejo erótico? A construção de perfis femininos transgressores a partir da voz de autoria feminina evidencia a emancipação da mulher no âmbito literário? Como possíveis respostas para tais questionamentos, refletimos que a mulher está tendo maior visibilidade social, porque sempre esteve interessada em estar mais atuante, independente e construtora de sua vida, utilizando o erotismo e a realização sexual para posicionar-se como ser empoderado, que demonstra e realiza seus desejos sexuais diante do outro, com plena liberdade e autonomia. Nos contos de Henriqueta Belminda, a forma como a mulher quebra regras impostas pela sociedade, evidencia sua emancipação e construção de identidades que, há muito, foram reprimidas por tabus sociais. O erotismo, nesse sentido, é um meio de libertação sexual, social e cultural.

Nosso trabalho está dividido em dois capítulos, cada capítulo subdividido em tópicos. O primeiro capítulo traz uma discussão sobre a condição da mulher ao longo dos tempos, analisando a conjuntura da figura feminina na sociedade patriarcal, enfatizando a maior liberdade dada a elas para ter avanços em relação à consideração social e a situação delas nos tempos contemporâneos, de forma liberta e transgressora. Para essa discussão, fizemos o uso dos estudos de Ângela D’Incão (1997), Michelle Perrot (2007). Ainda nesse capítulo, apresentamos considerações acerca da produção literária de autoria feminina, contemplando os pensamentos de Luiza Lobo (2000), Norma Telles (1997) e Schmidt (1995). O segundo capítulo discute o erotismo como tema na narrativa de autoria feminina e suas peculiaridades. Para tanto, os apontamentos de Battaille (1987), Luciana Borges (2010), Angélica Soares (2000) foram essenciais. E, por fim, no último tópico do capítulo, analisamos o conto *A Esposa do Colecionador*, buscando mostrar como a transgressão da personagem feminina é condição para libertar-se de um casamento monótono e bilateral, que não a satisfaz

e a faz buscar refúgio no adultério, e, deste modo, extravasar os seus desejos reprimidos, encontrando, enfim, a liberdade sexual.

CAPÍTULO I –A SITUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE E NA LITERATURA BRASILEIRA

1.1 A Mulher no viés histórico

Ao longo do tempo, a mulher viveu na história como submissa, escrava do lar, tendo por obrigação única o cuidado doméstico e dos filhos, não se impondo na sociedade em geral, uma vez que eram impedidas, por uma cultura machista que as colocavam na situação de reprimida. Entretanto, com o passar do tempo, as mulheres foram ganhando mais destaque na sociedade. De início, de forma lenta, mas que, com o decorrer dos dias atuais, elas representam figuras importantes no processo social, familiar, trabalhista, político, cultural, contribuindo para a melhoria de sua condição em sociedade.

A carência na literatura de autoria feminina, em épocas passadas é bastante evidente, pois a história não mostrava como elas se comportavam diante da revolução e das mudanças sociais. Para Perrot (2007, p. 16), “as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal”.

Entretanto, nos dias atuais, essa desconsideração começa a mudar, pois, com maiores direitos e espaço conquistados, as mulheres ganharam mais destaque, como na ocupação trabalhista, que era exclusiva para homens, maioria das áreas; conseguiram inserir-se na política, ocupando cargos que nunca preenchidos por elas, a exemplo da primeira presidente do Brasil, Dilma Rousseff, eleita pela primeira vez em 2011; foram protagonistas na constituição de uma família em que há a ausência da figura paterna, dentre outras situações. Na atualidade, a mulher assume um novo papel, marcado pela valorização da intimidade e da liberdade.

Com os maiores acessos a serviços através dos direitos conquistados, as mulheres se destacaram ainda mais em órgãos institucionais, ganhando maior visibilidade. Assim, muitas delas agem e demonstram sua vida de acordo com a realidade vigente, expressando seus desejos e anseios através dos mais variados recursos, incluindo o modo como vivenciam a sua sexualidade.

Contudo, esta condição de liberdade nem sempre foi dada a elas, pois, em tempos passados, as mulheres não podiam expressar seus sentimentos e emoções no ambiente familiar e social, haja vista viverem sob um mundo dominado pela figura masculina. D’Incao (1997) afirma que a chamada família patriarcal brasileira, que estava em grande ascensão, tinha o pai

como o grande comandante no leito residencial, este possuindo um grande poder sob a esposa e os filhos.

As diferenças existentes entre o homem e a mulher, que eram bastante evidentes, inclusive, em séculos passados, como aspectos físicos, a postura social, os ritmos hormonais, tornavam mais saliente o afastamento das mulheres na sociedade. Perrot (2007) afirma que as mulheres eram impedidas de aparecer em sociedade, resignadas a ficar confinadas em casa, a mercê da invisibilidade e do silêncio que faziam parte da dinâmica do sistema vigente. Ainda de acordo com a autora, a presença da mulher, na sociedade, era sinônimo de medo, desordem e indecência; não tinham sobrenomes (apenas nome), e, quando aparecia socialmente deveriam mostrar-se sem nitidez, recolhendo em sua insignificância diante dos outros grupos sociais.

No período da ascensão da burguesia por volta do século XVIII, a vida doméstica era compreendida como função fundamental a ser exercida pela mulher, função esta mais frequentes nas casas ricas, sendo apresentada como uma espécie de apreciação pública por parte de um círculo restrito de familiares, parentes e amigos. Assim, a mulher da elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e eventos sociais variados, de maneira mais livre, no que tange à expressão das emoções femininas, com a vigilância do marido ou do pai, o que fomentava o controle de sua conduta. Daí, a mulher passou a ter um aprendizado sobre o ato de comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D'INCAO, 1997). Serem vistas em público desacompanhadas eram imediatamente reconhecidas como cortesãs (prostitutas de luxo que prestavam serviço aos homens que freqüentavam a corte).

Desta mesma forma,

A mulher é um ser em concavidade, esburacado, marcado para a possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. Seus humores — a água, o sangue (o sangue impuro), o leite — não têm o mesmo poder criador que o esperma, elas são apenas nutrizas (PERROT, 2007, p. 63).

A autora supracitada leva-nos a perceber que a mulher, pelo simples fato de ser do sexo feminino, já estava marcada para viver sua vida de repressão, de submissão, de trabalho do lar e da criação dos filhos. Por um acontecimento biológico, ela estava destinada a viver uma vida de opressão pela cultura machista vigente. Por uma questão religiosa, a mulher era descendente, ou melhor, filha de Eva, isto é, trazia em seu instinto a capacidade de seduzir e enganar o homem, provocando-lhe a decadência, tal como aconteceu no relato bíblico que conta a queda do homem, no jardim do Éden. Esses são dados que culminam na ideia do

enclausuramento feminino como necessário, pois ao estar confinadas no âmbito do lar estavam sujeitas ao recato e, portanto, longe de tentações.

No que se refere à sexualidade feminina, era imposta como algo impuro. Por volta do século XVIII, o sexo das mulheres era protegido, fechado e limitado a determinadas instâncias, fazendo com que a virgindade fosse extremamente valorizada, principalmente no cristianismo, que elegia a castidade como prioridade para um casamento promissor. Neste processo, também havia o direito de poder apoderar-se de sua mulher na noite de núpcias, direito esse que se assemelhava a um ritual de posse, pois o desejo de tocar pela primeira vez um corpo virgem era sinônimo de satisfação da supremacia masculina (PERROT, 2007). Além disso, se houvesse fecundação logo na noite de núpcias, o homem era aclamado, pois já começaria a perpetuar a espécie e, por conseguinte, a sua descendência.

No século XIX, percebeu-se que não bastava instruir as mulheres em diferentes situações do cotidiano, mas, de acordo com Perrot (2007) era necessário:

[...]torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de-casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas (PERROT, 2007, p. 93).

Dessa forma, a autora faz lembrar que a mulher era instruída exclusivamente para os afazeres domésticos e para cuidar dos filhos, pois elas deveriam seguir este padrão, ser obedientes a tudo o que fosse imposto, que vestisse o rótulo de submissa, já que estas era o comportamento considerado para que adotassem.

Ainda no século XIX, a igreja e o Estado apostavam no sucesso do papel feminino dentro de casa, na qual o lar era seu reino, podendo, neste, comandar alianças e criar a possibilidade de formar estratégias. Porém, na rua, existia o medo da perda da honra, não podendo, de maneira alguma, conversar com homens, pois as que faziam isso e/ou ficavam até tarde nas ruas eram as mulheres concubinas, que ficavam a oferecer-se pelas ruas de grandes cidades do Brasil. Nesse período, as meninas poderiam aprender a ler, devendo dedicar a vida à família e à igreja, ou fazendo artesanato, e muitos homens queriam que elas fossem incultas, piedosas, prisioneiras de casa e vivessem sempre à disposição do lar e da família (DEL PRIORI, 2013), já que o saber e a instrução seriam capazes de emponderá-las, possibilidade que amedrontava aos homens. Isso explicaria o fato de que, neste período, uma mulher estudada, geralmente, tinha dificuldades para casar-se, pois os homens tinham receio de mulheres com comportamentos emancipados.

O casamento era visto como uma oportunidade de status, riqueza, pois, ao procurar um pretendente, a mãe se angustiava no momento em que sua filha atingia a idade de casamento. Assim, nas festas e missas, existia uma verdadeira caça a um pretendente que tivesse fortunas familiares, porque a futura união envolvia uma verdadeira peregrinação, por intermédio até mesmo de casamenteiras, que vigiavam, informando os pais sobre os futuros rapazes que casariam com suas filhas.

Com passar do tempo, a sociedade em desenvolvimento, foi possível que as mulheres também fossem mais percebidas em diferentes setores da sociedade, seja na educação, no contexto familiar e demais instâncias. Desta forma, a figura feminina teve acesso a outros setores em que não era bem-vinda pelo poder patriarcal vigente, que, pouco a pouco, foi cedendo mais espaço, para que as mulheres conhecessem a cultura local, a política, a religião e outros poderes que compunham a sociedade.

A partir da inserção social da mulher, uma das primeiras liberdades dada a elas foi a leitura da bíblia, que, neste caso, é uma produção textual, já que a Reforma Protestante fez valer a regra de que todos deveriam ter conhecimentos sobre a religião e o poder de Deus diante de todos, o que levou a instrução das meninas.

Após esse período, existiram grupos, como os filósofos das luzes, que consideravam que as mulheres deveriam ter uma instrução relativa a dos homens, desde que não deixassem de realizar atividades destinadas a elas, como amar e honrar aos homens e criar os filhos dignamente (PERROT, 2007).

Com maiores espaços dados a elas na sociedade e no ambiente familiar, as mulheres começaram a ter maior domínio e representatividade, fazendo de suas habilidades o seu instrumento de reivindicações, tais como o saber, a inteligência, a sexualidade e outros.

Santos e Bezerra (2017), em seu estudo, afirmam que a situação da mulher casada no século XX ainda era a mesma de outros séculos. No entanto, existiam algumas mudanças, pois já se começava a ter a liberdade de, por exemplo, escolher o marido, e, também, a possibilidade do divórcio em alguns casos, e uma maior autossuficiência da mulher imposta pelo marido e a possibilidade de se ter um casamento com maior diferença de idade entre os cônjuges.

Nessas mesmas condições, abriu-se espaço para a mulher desejar sua liberdade, e um dos caminhos a serem trilhados por elas foi o trabalho, pois, para se ter uma vida com mais independência e libertação do casamento e da família, instituições que as aprisionavam, seria através de uma independência financeira, para posteriormente ter voz e posição social. Nesse sentido, com a inserção no mercado de trabalho, as mulheres começaram a ter maior

visibilidade, ganhando mais espaços e confiabilidade, mas elas ainda necessitavam ter direitos em outros setores, como educação, saúde, assistência social e etc.

Diversas conquistas foram alcançadas, mudanças na vida das mulheres foram efetivadas. Del Priori (2013) afirma que, no século XXI, as mulheres tiveram grande destaque, pois, além de estar em toda parte, estão cada vez mais visíveis e atuantes. Estão trabalhando e sustentando sua família, estão usufruindo do direito básico de ir e vir, cuidam da alma e do corpo, gastam, compram, amam e odeiam, quebrando tabus e tradições.

As mudanças foram evidentes, pois a vida de opressão e submissão em que as mulheres viviam foram/estão sendo desfeitas. Hoje, vemo-las libertas, casadas, solteiras, separadas, com filhos ou não, mas todas livres, exteriorizando seus desejos e vontades para viverem a vida da melhor maneira. As mulheres, na atualidade, estão buscando a melhoria de vida, melhores condições de trabalho e salários dignos. O desejo de mudanças na vida social, trabalhista e familiar é um ponto importante na vida delas, aliás do ser humano, pois querem ter maior visibilidade no meio social, e não viver a sombra da figura masculina, escondida e presa no ambiente residencial, mas, sim, ascender por conta própria.

1.2 A Mulher no Papel de Autora na Literatura

Atualmente, muito se tem falado sobre literatura de autoria feminina, a importância desse acontecimento para a produção de textos e obras: dar voz as mulheres que têm um grande potencial literário. No entanto, não se percebe, de fato, a origem deste termo. Lobo (2000) reflete que a expressão “feminino” está sendo associada a um ponto de vista cuja essência é retrógrada; no setor político, este termo sempre esteve ligado à depreciação; relacionada a conotações políticas e sociológicas: a luta pelo trabalho, o direito de agremiação, as conquistas de igualdade com a figura masculina e demais situações que eleve o ser feminino a igualdade de direitos, de modo geral. Assim, de maneira semelhante, “o texto literário feminista é o que apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e, portanto, um sujeito de enunciação consciente de seu papel social” (LOBO, 2000, p. 4).

O termo feminino, tratado pela autora supracitada, está relacionado a uma situação de liberdade da mulher em diferentes níveis, seja na mistificação imposta pela sociedade, seja no apogeu de sua figura nos tempos mais atuais, e a literatura de autoria feminina volta-se mais especificamente para a vivência da mulher escritora, que elucida, por meio de suas criações, pensamentos íntimos, características próprias, bem como um universo totalmente voltado para

dar destaque a mulher como sujeito em processo de emancipação subjetiva em todos os âmbitos, seja ele social, político ou emocional.

Não queremos dizer, com isso, que a mulher não fazia parte deste meio das letras; existiam, sim, muitas mulheres escritoras em tempos mais remotos. no entanto, o poder masculino sempre buscou meios de abafar estas vozes.

O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair (TELLES, 1997, p. 407).

As considerações dessa autora levam-nos a perceber que, no século XIX, as mulheres que se apresentavam como manifestantes ou como pessoas que se diziam contra determinadas imposições eram vistas como incapazes, coisas que faziam com que fossem classificadas como rebeldes, tornando-as incapazes de lidar com situações de reclamações, pela falta de estrutura física e mental gerada.

Nesse sentido, as mulheres sempre foram caladas por uma cultura machista em épocas passadas, que as impedia, muitas vezes, de produzir obras e narrativas que apresentassem sua vida, em situação real, seus pensamentos sobre diferentes temas sociais e sentimentais, e outros temas que fossem relevantes no contexto da época. Com essa atitude, elas eram impedidas de dar maior contribuição construtiva à literatura. Conforme Schmidt (1995),

De modo geral, a negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação foi, no contexto da literatura brasileira, uma realidade que perdurou até mais ou menos, a década de 70. Até então, apenas três escritoras tinham recebido o merecido reconhecimento por parte da crítica: Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector. As razões determinantes desse, 'esquecimento' são complexas e remetem à própria concepção de criatividade postulada pela ideologia patriarcal sob a forma de uma premissa básica, a de que os homens criam e as mulheres simplesmente procriam (SCHMIDT, 1995, p. 184).

Apenas estas mulheres ganharam reconhecimento como escritoras na literatura brasileira, motivos estes não revelados pela autora, mas que foi suficiente e revolucionário para tal década, uma vez que, nesse período, a cultura vigente tinha como característica a dominação masculina. Com isso, não queremos dizer que não existiram mulheres escritoras antes desse período ou até mesmo outras nesse momento. No entanto, foram essas que obtiveram maior representação social. Assim, como havia a dominação da literatura produzida

por homens, de forma viva e atuante, as mulheres ficavam relegadas ao seu simples lugar de dona do lar e procriadora, inclusive aquelas com alto poder de criatividade e até mesmo dom para a escrita literária.

Convém salientar que sempre houve mulheres escritoras mesmo em tempos mais remotos. No entanto, só adquiriram visibilidade e alvo de estudos em tempos bem recentes. E então, com o passar dos tempos, a literatura de autoria feminina vem gerando discussões no meio acadêmico, relacionadas às questões do tratamento masculino dado às mulheres em diferentes épocas e à falta das formas discursivas das mulheres, pois não poderiam produzir e demonstrar seus pensamentos sobre diferentes assuntos e principalmente sobre seus sentimentos e emoções. Daí o interesse na contemporaneidade para que sua voz seja finalmente ouvida e estudada.

A literatura de autoria feminina está relacionada com assuntos que variam de acordo com a vivência da mulher em seu cotidiano, e um dos temas que está ganhando destaque nos últimos tempos é o erotismo. O erotismo faz-se presente como uma ideologia de libertação feminina, pois a mulher foi e ainda é muito reprimida quando o assunto é a expressão de seu desejo e exercício de sua sexualidade. Com isso, as narrativas que desenvolvem esse tema buscam apresentar o ponto de vista da mulher que há muito não recebia atenção. Lobo (2000) afirma que este tipo específico de literatura tem o propósito de criar um espaço, que seja próprio delas, em um universo maior que a literatura mundial se encontra. Nesse sentido, a mulher escritora tem o intuito de expressar-se com sensibilidade a partir de um ponto de vista, pois ela é um sujeito com emoções e sentimentos que transcendem suas diferenciações com os demais a partir do olhar, refletido diretamente na escrita. Assim,

A literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritora. Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimos masculinos e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria 'mulher', enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (SCHMIDT, 1995, p. 187).

Com base nos apontamentos acima, a voz da literatura escrita por mulheres ganhou mais visibilidade a partir da consideração da conquista da identidade e da visão da mulher, quebrando a barreira de serem marginalizadas, liberando-a para usar-se e expressar-se como ser mulher em seus textos, colocando seu ponto de vista, desejos e anseios, no intuito de dar

maior posicionamento a seu corpo, reconstruindo sua posição social e familiar, desconstruindo a ideia de inferioridade rotulada pela classe masculina dominante.

Ainda de acordo com Lobo (2000), as autoras começaram a produzir suas obras, dando maior contribuição à literatura de cada país, incluindo o Brasil, a partir de diferentes temáticas, que estão dispostas sob algumas formas, a saber: autobiografia, memórias e confissões, sentimentalismo místico, erotismo, engajamento político, etc. Não só no Brasil mas na literatura de mulheres de diversos países, esses temas estão presentes com maior ênfase justamente por representarem uma identificação mais intrínseca à personalidade feminina. Cada tema corresponde a um objetivo específico na luta por visibilidade no meio social, assim como pela construção da identidade feminina.

Atrelado ao nosso objetivo, percebemos o tema do erotismo presente na narrativa de Henriqueta Belminda, que, sugerimos, pode funcionar como ponto essencial para mostrar a sua peculiaridade enquanto escritora, assim como, engajamento político, já que serve como arma de luta para a quebra de tabus sociais. Sobre este assunto, Schmidt (1995) afirma que:

O interesse pela produção de autoria feminina não privilegia, contudo somente, as escritoras contemporâneas. [...] Estão surgindo outros nomes, silenciados na historiografia oficial e cuja emergência tem desencadeado uma verdadeira desarticulação da visão canônica de nosso passado literário, especialmente no que se refere aos pressupostos holísticos de verdade, significado e valor que a tradição dominante elevou à categoria de universais temporais e que sustentaram, até hoje, a sua configuração (SCHMIDT, 1995, p. 182-183).

Isso nos mostra que, mesmo com toda repressão que a mulher sofreu durante os tempos, elas conquistaram espaço, voz, destaque, para que mostrassem e demonstrassem suas capacidades sobre a criação de obras literárias, que apresentassem seus pensamentos e desejos que tanto foram reprimidos por uma cultura machista que se estabeleceu na sociedade.

Nesse contexto, ainda, cabe ressaltar que o feminismo, como movimento de luta em prol dos direitos das mulheres, teve sua parcela de contribuição para que a mulher e sua escrita fossem ouvidas. Xavier (1999) pontua que

O feminismo instaurou um modo particular de ver o mundo, que revela o princípio arbitrário, não natural da realidade; masculino e feminino, em sua historicidade dinâmica, passam a ser identidades sociais, configuradas ao longo de processos de significação. O estudo das relações de gênero não só desvela desta construção, como também aponta para a hegemonia de um gênero sobre o outro. (XAVIER, 1999, p. 16).

Assim, foi a partir do feminismo que a mulher ganhou maior visibilidade em condição de equiparação ao sexo masculino. É, portanto, graças ao movimento feminista e aos estudos

de gênero, que vemos hoje, uma gama de escritoras se impondo como donas de suas escritas, trazendo seus posicionamentos críticos em torno de assuntos complexos e alvos de preconceitos.

CAPÍTULO II – EROTISMO NA VISÃO FEMININA

2.1 O erotismo como tema na narrativa de autoria feminina

2.2

A mulher passou a ser destaque na literatura erótica, agindo com mais liberdade para abordar tal tema. Conforme Borges (2010), a escrita de cunho erótico sob a autoria feminina “é um fértil terreno a ser explorado quando o assunto é a revisão do cânone ou das construções e investidas de gênero que permeiam as imagens do feminino em nossa sociedade” (BORGES, 2010, p. 1). Ou seja, o cânone, por muito tempo, focado apenas na escrita masculina, deixou de observar e dar espaço às mulheres. Entretanto, percebemos que uma revisão desse cânone insere frequentemente figuras femininas, que, numa perspectiva de gênero, trazem contribuições bastante positivas e coerentes quando o assunto é emancipação da mulher, tanto na sociedade quanto no âmbito literário.

A literatura feita por mulheres – especialmente a sob o viés do erotismo – possibilita, ao mesmo tempo, a conquista da identidade feminina como escritora. Há, portanto, nesta literatura, uma busca por desmistificar preconceitos e tabus ultrapassados com relação ao prazer sexual feminino. Além disso, na contemporaneidade, o tema fomenta um empoderamento da mulher que não se via em épocas anteriores.

Para Campos Junior (2016), a literatura de autoria feminina vem ganhando destaque há alguns anos, e grandes nomes, nacionalmente famosos, vêm sendo estudados sob o viés erótico, a exemplo de Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Mirian Alves, Márcia Denser, entre outras. No entanto, falta empenho para que se divulguem autoras que possuem uma obra consolidada em outras partes do Brasil, como o Nordeste, que é uma região que sofre com as condições político-culturais de incentivo à

produção e divulgação de escritoras. Diante desse fato, vemos Henriqueta Belminda como escritora ainda carente de pesquisas realizadas ante a sua produção artística.

Quanto ao tema do erotismo e da sexualidade, é sabido que, por muito tempo, era considerado extremamente indecente uma mulher sair sozinha. Usualmente, quando vistas em público, estavam sempre sob a companhia de uma figura masculina. Além disso, os locais permitidos para tal aparição eram específicos. Em meados do século XVIII, as mulheres saiam

Só para ir à missa. As procissões eram acompanhadas das janelas para proteção da própria virtude. Namoros sem consequência, baseados em troca de olhares, suspiros e beliscões, eram a distração até o casamento arranjado. Maridos eram escolhidos pelo pai, segundo critérios econômicos e sociais, ou encomendados de Portugal. Para muitas, o matrimônio era um drama penoso (DEL PRIORI, 2013, p. 14).

No entanto, convém ressaltar, conforme a colocação de Del Priore, que esses locais restritos, como por exemplo, a igreja também servia de ponto de encontro, ou até mesmo de olhares, entre os enamorados. Apesar da vigilância, as jovens conseguiam burlar os olhares paternos e se distrair nessas ocasiões em que era permitida a sua presença. Mesmo assim, o casamento era iminente, e o que mudaria na vida do casal, principalmente na mulher, pela questão de sentimentos e naturalidade, era a sexualidade entre ambos, pois, enquanto o homem era livre para ter diversas amantes, a mulher devia servir única e exclusivamente ao marido.

O assunto em torno da sexualidade ou do sexo como forma de prazer foi um assunto tabu por muito tempo, mais pesadamente no caso da mulher. Elas deviam se conter no ato sexual, serem sujeitos passivos, para que não profanassem o laço sagrado do matrimônio. Desde a Idade Média, conforme nos aponta o medievalista George Duby, a mulher era vista como filha de Eva, aquela que levou o homem à perdição. Na verdade, não só a mulher era vigiada quanto a esse assunto: o casal era constantemente controlado pelo olhar da igreja, para que não pecassem ao obter prazer no ato sexual, cuja função deveria residir especificamente na procriação e perpetuação da espécie. Se ambos sentissem prazer, eram tidos como adúlteros e, conseqüentemente, vistos como agentes de um pecado gravíssimo.

Com o decorrer do tempo, percebemos que a mulher começa a ganhar espaço em vários âmbitos, inclusive no que se refere ao assunto da sexualidade. Mulheres se tornam donas dos seus destinos e desejos, deixando aflorar o prazer como algo inerente do ser, que deve ser sentido e intensamente vivido. Nesse sentido, o tema da sexualidade e do erotismo mostra-nos uma mulher mais forte e emancipada, pois se torna dona de si e do seu corpo. Ao

vivenciar seus desejos mais íntimos, está se impondo como um sujeito emancipado, com identidade própria. Isso é o que percebemos em muitas narrativas de autoria feminina. As autoras criam personagens destituídas do veio da submissão, colocando-as como sujeitos livres quando o assunto é a vivência da sexualidade. Nesse sentido, já podemos salientar que o tema da sexualidade e do erotismo torna-se uma ferramenta para a mulher se impor diante de uma sociedade misógina e patriarcalista ao posicionar-se como emancipada e em constante busca de uma identidade que a diferencie do olhar preconceituoso que se alastrou desde tempos mais antigos e do qual fora vítima.

Antes, porém, de adentrarmos na análise dos contos, convém ressaltar que há uma distinção entre sexualidade e erotismo. Conforme Valença (1994, p. 150),

a gênese do erotismo está ligada à constituição dos traços definidores do Homem, que se desvencilha da animalidade ao transformar a sexualidade em erotismo. Através do trabalho, da compreensão e consciência da morte, e da passagem da sexualidade livre à sexualidade envergonhada, da qual nasce o erotismo, o Homem desvencilha-se da animalidade. Assim, enquanto elemento que confere ao Homem sua especificidade em relação ao animal, o erotismo não deve ser visto como uma coisa, um objeto ou um fato concreto.

As mulheres não discutiam sobre erotismo em seu dia a dia, porque essa discussão era considerada como algo que transcende o casamento, pois, quando “falamos de erotismo [...] se conduz de uma maneira que apresenta uma oposição bem acentuada a certos tipos de comportamento e de julgamento que não são habituais” (BATAILLE, 1987, p. 72). O erotismo não era tratado no casamento em outras décadas, o que havia era apenas a sexualidade lícita, o ato de cumprimento da atividade na mulher para se ter a procriação de filhos para criá-los e cuidá-los e ainda estarem plena disposição ao marido no seio familiar.

O erotismo deixa entrever o avesso de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmentida: no avesso revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente vergonha. Insistamos nisso: esse aspecto, que parece alheio ao casamento, nunca deixou de ser aí sensível (BATAILLE, 1987, p. 72).

Assim, Bataille evidencia que o erotismo envolve muitas situações atípicas da sexualidade, pois envolve sentimentos, partes do corpo. E, no caso da mulher-escritora, as maneiras habituais, como escrever sobre sua situação social e matrimonial, que pode causar maior envolvimento entre o prazer e a possibilidade de sentir-se liberta, o que demonstra a sua verdadeira sensibilidade.

Pelo corpo da mulher, o erotismo se comunica de diferentes formas de pensar e de viver a vida, expressando sentimentos que não estão somente relacionados ao sexo enquanto atividade corporal, mas sim relacionados à descoberta de novos sentimentos, da aceitação ou não do outro. Assim, o erotismo é imposto de três formas. Como postula Bataille (1987), “O erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e, finalmente, o erotismo sagrado” (BATAILLE, 1987, p, 13). Essas três formas evidenciam uma passagem de conhecimento do outro a partir das concepções de cada situação, pois, no primeiro tipo, percebemos a relação entre sexualidade e ato sexual; o segundo, se refere ao sentimentalismo/amor; e o terceiro, ao prazer pelo sagrado, imposto pela sociedade, igreja, e demais instâncias sociais. No que se refere à mulher, percebemos, com mais ênfase nas narrativas de autoria feminina, especificamente nos contos de Henriqueta Belminda, que as personagens tendem mais ao erotismo corporal, sendo, portanto, uma forma de se libertar algo que por muito tempo foi alvo de interdito.

Percebe-se, então, que o erotismo está vinculado à busca interior e exterior do ser humano, pois envolve o desejo que vem de dentro do ser, evidenciando que essa situação se difere dos desejos dos animais, pois o ser humano busca uma satisfação pessoal e singular. Nesse sentido, “o erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior. O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (BATAILLE, 1987, p. 29). Assim, o erotismo feminino como tema está intrinsecamente relacionado à manifestação/vivência dos desejos mais recônditos do ser-mulher.

Com mais espaços dados à mulher na literatura, Soares (2000) afirma que as mesmas se deleitaram na construção de obras que tratavam do tema erotismo como forma de conscientização, para que houvesse a ruptura da cultura repressora, colaborando, dessa forma, com a transgressão aos dogmas impostos ao sexo feminino. A escrita masculina sobre diferentes temas sempre esteve presente no meio literário através de sua linguagem própria, como a sexualidade e o erotismo. Contudo, estes temas não se enquadravam na realidade da mulher, pois elas apresentam uma visão peculiar sobre o sexo, o corpo e as experiências eróticas. Dessa maneira, faltava, na literatura, a voz das mulheres sobre seus próprios conhecimentos, sentimentos e emoções diante do erotismo, transcrevendo, em diferentes obras, sua historicidade por meio de sua voz, mostrando desejos e diferenças existentes entre homens e mulheres, nesse sentido.

Uma das escritoras que devem ser estudadas para melhor compreensão, da transgressão da mulher através do erotismo é Henriqueta Belminda Vinagre Neiva¹, paraibana autora do livro *A esposa do colecionador* (2011), composto por nove contos eróticos que evidenciam o prazer em primeiro plano em suas personagens, como forma de libertação e emancipação em situações cotidianas. A partir do próximo tópico, observaremos como o erotismo é transvestido de significado sob a voz narrativa do conto: *A Esposa do Colecionador*, procurando evidenciar posicionamentos de transgressão e emancipação a partir dos perfis femininos construídos nos enredos contísticos.

2.2 A transgressão feminina do Conto A Esposa do Colecionador

O livro de contos eróticos de Henriqueta Belminda é composto por nove contos. Dentre eles, estão *A Esposa do Colecionador*, *corpus* deste estudo.

A Esposa do Colecionador é narrada na terceira pessoa e conta a história de um casal, o colecionador Alexandre e a esposa Ana Rosa. Esse conto é dividido em cinco partes: *O Colecionador*, *A Esposa*, *O Homem de Porte Bonito*, *Conhecendo a Casa* e *o Final Feliz*; Cada uma das partes do texto apresenta as características dos personagens e o enredo das cenas que dão corpo ao conto.

O colecionador é um homem egocêntrico, machista e anti-social, que vive sua vida individual sem dar importância aos indivíduos ao seu redor, principalmente sua esposa. O personagem recebe o título de colecionador por ter uma obsessão por formigas, colecionando-as e estudando tudo sobre o seu mundo peculiar, o que inclui organização hierárquica e demais situações singulares do convívio no formigueiro. Ele não bebe, não fuma, não faz passeios ou interage com os colegas de trabalho. Apresenta comportamento dominante em relação à sua esposa, impedindo-a de sair e se expor na rua, além de exibir sua coleção de formigas, composta de espécies raras.

A Esposa é uma jovem que, segundo dados da narrativa, mais parece ser a neta do colecionador. Passou sua vida conjugal a servir seu marido, cuidar da casa, fazer compras num mercadinho próximo e ir à igreja para rezar e reafirmar sua devoção à Nossa Senhora. Ana

¹ Residente na capital paraibana, possui graduação em Letras – Língua Portuguesa, em 2014 pela Universidade Federal da Paraíba e fez intercâmbio na Universidade Da Beira Interior em Covilhã, Portugal. Escreveu o Livro *A Esposa do Colecionador* no ano de 2011.

Rosa é uma jovem personagem que foi vítima de um sistema patriarcal no ambiente familiar e social. Sua vida estava resumida a servir ao marido, que, por sua vez, a tratava como obreira, que era a classe mais baixa das formigas, eram também de pequena estatura, e que vivia a servir a rainha (formiga que tinha como função apenas a procriação), pois não tinham condições de fecundar por uma determinação do destino, como podemos constatar na seguinte passagem:

A esposa aceitava com resignação a postura do marido e também aceitava as comparações que o próprio costumava fazer entre ela e as formigas obreiras. Ele dizia que a esposa era igualzinha às obreiras [...]. Ela, coitada, não sabia que o marido estava comparando-a com tais formigas na incapacidade de procriar e na sua estatura. As obreiras nasciam sem ovário, e Ana Rosa teve os ovários e o útero arrancados quando era adolescente (BELMINDA, 2011, p. 25).

Essa situação se igualava à descrição de Ana Rosa, pois ficou estéril quando jovem, tinha uma estatura miúda e servia fielmente à rainha, representada pelo marido. Aqui, percebemos que o casal reproduz o ideal patriarcalista de uma sociedade caracterizada pela submissão e recato feminino e a opressão masculina. Além disso, fica evidente a diferença de idade entre os cônjuges, o que evidencia, mais uma vez, uma vivência estrita sob regras bastante impositivas.

Neste conto, percebemos que existe uma descrição forte do sistema patriarcal em diversas passagens do enredo, evidenciando como era este sistema vigente em décadas passadas, mas que ainda existe em nossa sociedade. Esta afirmação pode ser comprovada de imediato logo no início do conto, em que a narradora descreve que:

Alexandre respondia que ela jamais poderia entender sobre a magnífica coleção. Só alguém muito inteligente poderia entender o mundo desses pequenos seres. E mandava a esposa se preocupar com as tarefas de casa e ser uma católica devotada. A esposa aceitava com resignação a postura do marido e também aceitava as comparações que o próprio costumava fazer entre ela e as formigas obreiras (BELMINDA, 2011, p. 24-25).

Nessa imagem, é possível perceber a humilhação sofrida por Ana Rosa. Alexandre a chamava de ser ignorante por não ter inteligência de entender a vida das formigas, por ser comparada às obreiras pela incapacidade de procriar, de servidão à rainha e por ter estatura pequena. A esposa ainda sofria pelo autoritarismo do seu esposo, que a ordenava que cuidasse dos afazeres de casa e praticasse seu catolicismo em visitas à igreja.

Del Priori (2013) afirma que, entre os séculos XVIII, a maioria das meninas não podia aprender a ler e passava a sua mocidade frequentando apenas a igreja, no intuito de rezar e

fazer as atividades domésticas. Eram introduzidas a arte de rendar, bordar e costurar, para que passassem horas diante dos cuidados da casa e dos homens (marido, pai e irmãos). Sua única forma de lazer era a igreja. Nas ocasiões em que saíam de casa, era para rezar e afirmar sua devoção, costume que se perpetuou por anos e que é possível ver reproduzido na narrativa em análise.

Essa condição de aceitabilidade, inferioridade e submissão de Ana Rosa era evidente, pois a narradora afirma que a mulher passava sempre a fazer as tarefas domésticas e cuidar de seu marido, e que a comparação dela com a formiga obreira era coerente com sua realidade familiar.

As obreiras eram tão escravas quanto a esposa de quem as colecionava. A vida de uma obreira era trabalhar para a colônia e servir à rainha com muita disciplina. A esposa do colecionador vivia tudo igual, embora no reinado de Ana Rosa não existisse uma rainha, mas sim, um rei, tendo essa pobre criatura como única súdita e escrava (BELMINDA, 2011, p. 25).

Como exposto na citação, percebemos que a mulher estava respeitando o sistema de submissão imposto a ela pelo marido, agindo como verdadeira obreira no ambiente familiar, ficando sempre à sombra da figura masculina, dominadora, majoritária e suprema.

Outra ocasião que mostra a submissão de Ana Rosa a seu marido diz respeito à sua liberdade de sair de casa, apenas sendo-lhe permitido ir ao mercadinho perto de casa e a igreja.

[...] como ele era um homem desconfiado e rude, a proibiu de sair de casa sem permissão. Ana Rosa só podia sair para o mercadinho perto de casa, mesmo assim tinha que ser ligeira nas compras e não podia falar com ninguém no caminho. Ele também deixava a esposa ir à igreja nas quartas e sextas-feiras, para rezar o terço e a novena com as outras devotas de Nossa Senhora (BELMINDA, 2011, p. 25-26).

A vida da mulher era de submissão e de respeitar as ordens do marido. Sua vida era resumida à igreja, pelo regimento que ela tinha diante da sociedade e da família, pois deveria haver o respeito no ambiente familiar para que não houvesse o pecado, a traição e outras formas de transgressão moral. Ao estar frequentando um espaço sagrado conforme a visão do marido ela estaria resguardada e livre de tentações da carne.

E ainda só tinha oportunidade de ver algum programa de televisão como a narradora descreve: “ela tinha visto esse penteado na apresentadora do programa de culinária, uma das raras atrações que podia ver na TV (o marido a proibia de ver novelas ou qualquer programa

de auditório)” (BELMINDA, 2011, p. 27). Assim, percebemos o ponto de autoridade do colecionador diante da figura feminina.

O convívio familiar no sistema de família patriarcal envolvia dois traços que oscilavam, mostrando duas vertentes diante do matrimônio: a excessiva violência ou o excesso de amor. Ambas as condutas de convivência entre o homem e a mulher no meio social e familiar estavam em um sistema de ordem em que ocorriam até mesmo conflitos violentos, e as mulheres viviam em um sistema de escravidão, submissão (DEL PRIORI, 2013).

Mas, em uma das passagens da trama, a voz narrativa descreve uma cena em que o colecionador ia para o trabalho, a esposa tomava um banho caprichado e saía em direção à igreja:

Fazia isso para despistar, caso o marido estivesse espreitando-a. Para não se arriscar por falta de zelo, saía de casa com roupa comportada e fazia cabisbaixa o caminho da igreja. Quando chegava à casa de Deus, colocava a bolsa no branco, perto da imagem de Nossa Senhora, e se ajoelhava no banco oposto, com a cabeça baixa, estava um senhor de porte bonito e muito bem vestido (BELMINDA, 2011, p. 26).

Ela agia desta forma para não levantar suspeitas e zelar pela sua dignidade. Esta passagem pode sugerir-nos que existe uma relação entre eles, amorosa ou sexual. O que fica evidente é o uso da Igreja como espaço sagrado e sendo usado para libertinagens, algo que ocorria frequentemente em tempos de maior repressão feminina. As mulheres usavam a igreja para namoricos e encontros amorosos, pois ali não havia desconfiança, seja do pai ou marido.

Ao longo da narrativa, ficamos sabendo que o homem de porte bonito era o entregador; exportava e vendia formigas para colecionadores, e um deles era o marido de Ana Rosa. Sendo contra as recomendações de seu cliente, de ir à sua casa quando o mesmo não estivesse, ele foi entregar a encomenda em um horário impróprio, encontrando apenas Ana Rosa de saída habitual à igreja. Após o susto da visita inesperada, a esposa tratou o homem com educação, chamando-o para entrar em sua residência. Através de conversas, elogios, galanteios e demais situações as quais a esposa do colecionador jamais havia presenciado, ela sentiu-se confortável para contar-lhe sobre sua vida e sobre o momento em que conheceu seu marido. Mas, não percebia, até então, as verdadeiras intenções do homem, conhecido como aclamador de mulheres, já que:

Sua função era entregar formigas raras para seus estranhos colecionadores, mas ele não se interessava por tal coleção. Para esse rapaz, a melhor, mais rara e sensacional espécie que existia no mundo era a mulher. Ele gostava de mulher de todo tipo,

estilo, cor, idade, tamanho e proporção. Em toda mulher achava algo de bonito ou atraente (BELMINDA, 2011, p. 27).

Como galanteador, sua principal arma era o elogio constante lançado a favor da mulher. Dizia ele que “Ana Rosa era muito elegante e bonita”, que “tinha a oportunidade de contemplar um lindo e encantador rosto; um dos mais bonitos que já tinha visto na face da Terra.” (BELMINDA, 2011, p. 27-28). A reação dela nesse momento foi ficar corada e a gostar de tal situação, principalmente por sua reação, de convidá-lo para tomar outro copo de limonada e a sentar nas cadeiras de um dos cômodos da casa. Nesse momento, percebe-se um início de transgressão da mulher à regra imposta pelo marido, de não querer que a mulher falasse com alguém, exceto ele, e de ainda conversar e acolher alguém no seio familiar. Essa situação ocorreu porque a mulher estava apreciando as palavras e os galanteios lançados pelo encarregado, já que, usualmente, o marido não demonstrava afeição pela esposa, sempre se mantendo distante.

Na visita para conhecer a casa, houve mais elogios a Ana Rosa, por causa da limpeza e arrumação e do cheiro que exalava de si: “Ele segurou-a, dizendo que ela não só era muito bonita, mas exalava também um delicioso perfume” (BELMINDA, 2011, p. 29). O homem pediu para conhecer os demais cômodos, e a mulher, de bom grato, mostrou. Aproveitou para conhecer o quarto do casal e ir mais além, no intuito de conhecer mais profundamente a mulher. Assim, sentando-se ambos na cama limpa e organizada, pediu para sentir o perfume de Ana Rosa, provocando-lhe arrepios e palpitações, levando-o a apalpar as mãos dela, alisando-a e permitindo que sentisse sensações nunca afloradas.

A reviravolta da situação de submissão inicia-se nesse momento, quando estão no quarto do casal, tido como lugar sagrado. Nesse espaço, a exploração da sexualidade e do prazer foi dando maior abertura para que existisse uma intimidade entre estes dois, inclusive para ela, que começa a ter sensações diferenciadas, até então não experimentadas, como podemos atestar no excerto abaixo:

O encarregado pediu permissão para aproximar a cabeça no pescoço delicado da anfitriã, pois queria sentir melhor seu perfume. Ela, mesmo com medo e insegurança, permitiu, mas quando sentiu a respiração forte na sua nuca, arrepiou-se inteira e seu coração começou a palpitar de desejo e alegria. O encarregado segurou as duas mãos de Ana Rosa entre as suas, sem tirar o nariz da perfumada nunca, falou baixinho para a distinta senhora relaxar. Ela, no pensamento, pediu desculpas a Maria e prometeu que à noite rezaria dez terços e mais cem ave-marias, mas não podia deixar de pecar. Afinal, ela nunca tinha praticado um pecado em toda sua vida e tinha um bom crédito no céu, já que rezava todos os dias pedindo desculpas por pecados que nunca fazia. Quieta e sem frear as mãos do entregador de formigas, deixou o cavalheiro abrir seu vestido, desmanchar seu lindo penteado e ambos,

como vieram ao mundo, deitaram na confortável cama (BELMINDA, 2011, p. 29-30).

Nesse momento, percebemos o envolvimento corporal entre ambos, mostrando como um ato simples de cheirar a nuca pode ser considerado uma ação sensual, que pode provocar o afloramento da sexualidade da mulher, uma vez que, depois deste acontecimento, ela permitiu que ele tirasse a sua roupa, e o mesmo ela fez com ele, ambos deitando-se nus na cama limpa e perfumada. Esse ato fez com que ela começasse a conhecer o seu corpo e os prazeres mais recônditos que este poderia lhe proporcionar. Pedindo perdão pelo seu pecado, e prometendo rezar mais para alcançar o perdão dividido, Ana Rosa se entregou ao homem, recebendo carícias e exploração em seus seios e na genitália, levando-a ao orgasmo. Essa sensação introduziu-anum novo conhecimento de seu corpo e de sua sexualidade, conhecendo novos prazeres e percebendo que existem diferenciação de genitália masculina. Conforme podemos atestar a seguir:

O entregador de formigas alisou o corpo da anfitriã com suas mãos grandes e mornas, parou nos seios, começou a beijá-los e dar delicadas mordidas, deixando a recatada senhora louca de prazer. Ela respirava ofegante, gemendo e apertando, com força, os cabelos do encarregado, com uma vontade louca de machucar e morder a quem estava dando-lhe tanto prazer. Ele beijava-a na boca com ternura, enquanto os dedos de uma das mãos, delicadamente, penetraram nas intimidades de Ana Rosa. Como um bom entendedor da anatomia feminina, ele ficou nessa preliminar até Ana Rosa implodir e explodir de um orgasmo que estava acabando de conhecer. O entregador esperou Ana Rosa descansar da nova sensação por alguns segundos e depois a penetrou com seu tesouro forte e grande, o que a deixou surpreendida. Ana Rosa, por ignorância, não sabia que existiam tesouros de vários tamanhos e formas. Ela abriu os braços, levantou a virilha e deixou o corpo livre para ser penetrada por inteiro (BELMINDA, 2011, p. 30-31).

Essa passagem nos permite observar que a transgressão foi suprema, pois a mulher permitiu que outro homem a conquistasse na cama do marido, local sagrado para o casal, principalmente se pensamentos sob o viés da religião, já que ela era tida como religiosa. Nesse momento, há a transgressão do corpo e do espírito/alma, já que a religião e as crenças da personagem foram postas de lado em detrimento de um momento de prazer. Além disso, a libertação sexual se dá a partir da possibilidade em sentir novos prazeres eróticos, permitindo que o entregador vá mais além do que estava acostumado a receber/sentir. Nesse momento, pela primeira vez ela teve um orgasmo e sentiu-se realizada com essa nova vida que surgia.

Nesse sentido, a relação existente entre o erotismo e a transgressão está descrito por Bataille (1987) como sendo “dissolução dessas formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos” (BATAILLE, 1987, p. 17).

As mulheres, atualmente, fazem uso desta ferramenta para ter maior liberdade de vontade e de expressão, colocando-se como protagonistas de suas próprias vontades.

Ainda de acordo com Bataille (1987, p. 16), “toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos faltam”. Assim, percebemos que, quando existe a ausência de algum sentimento ou desejo sexual, a tendência é que se busque novas sensações e prazeres, para que o desejo erótico seja satisfeito. O erotismo passa a enfatizar o prazer novo experimentado, simbolizando a entrega e, conseqüentemente, a libertação/emancipação desta mulher das amarras patriarcais. Ao permitir ser tocada, ela não só transgride um ideal social, mas deixa-se permitir ser uma nova mulher, sedenta de desejos e conhecedora de si e do seu corpo.

Nesta passagem, também fica explícito o engajamento sexual intenso. A mulher, nesse aspecto, tem a possibilidade de se expressar e sentir, algo que possivelmente não praticava com o marido, pois, conforme o sistema de submissão que vivia, o homem apenas se satisfazia sexualmente com ela sem dar-lhe azo para sentir prazer. Como dominador da relação, macho alfa, a mulher não podia tomar as rédeas da relação. Nesse momento de entrega adúltera, ela tem poder, e torna-se dominadora, também, das sensações e do próprio corpo masculino, e ainda com um papel mais ativo no ato sexual: a personagem-mulher está constituindo sua própria identidade.

É pertinente, ainda, comentar que a escrita sob uma perspectiva feminina mostra como a mulher/escritora apresenta detalhes de uma intimidade inerente à mulher, mostrando a sua autonomia e liberdade em tratar de um assunto ainda tabu na nossa sociedade. Por isso, o tema do erotismo torna-se peculiar em uma narrativa de cunho feminino/feminista, pois é um assunto que necessita de um olhar mais acurado, já que a mulher, por muito tempo, esteve e ainda está silenciada. Nesse sentido, não só a personagem do conto se estabelece como mulher emancipada socialmente, mas também a própria escritora, ao quebrar paradigmas de repressão condizentes ao recato feminino.

Percebemos, ainda, a relação da transgressão da personagem por meio do erotismo com a posição de Branco e Brandão (2004) em relação à escrita de autoria feminina, quando pontua que:

Uma das questões mais delicadas e movediças que entram em jogo quando se fala da escrita feminina dispõe-se em torno do erotismo. Alguns acreditam ser a linguagem feminina essencialmente erótica ou erotizada, em distinção à aparente frivolidade da linguagem masculina. Também aí os domínios se tornam obscuros, porque o conceito de Eros, tão escorregadio e intangível quanto o próprio fenômeno, não se

presta a verificação ou utilização meramente operacionais (BRANCO E BRANDÃO, 2004, p. 100).

O erotismo, muitas vezes, está relacionado a uma escrita da mulher pela forma íntima como é evidenciado, porque ela o retrata com mais detalhes e com características inerentes ao universo exclusivamente feminino, tornando-se, dessa forma, fundamental nas produções literárias.

Nesse sentido, a personagem passa a descobrir novos prazeres a partir de novas sensações e experimentar uma situação nunca alcançada com o seu marido, as preliminares antes do ato sexual, como está explícito no seguinte trecho:

Como um bom entendedor a anatomia feminina, ele ficou nessa preliminar até Ana Rosa implodir e explodir de um orgasmo que estava acabando de conhecer. O entregador esperou Ana rosa descansar da nova sensação por alguns segundos e depois a penetrou com seu tesouro forte e grande, o que a deixou surpreendida, Ana Rosa, por ignorância, não sabia que existiam tesouros de vários tamanhos e formas. Ela abriu os braços, levantou a virilha e deixou o corpo livre para ser penetrada por inteiro (BELMINDA, 2011, p. 30-31)

Nessa passagem, fica evidente, de forma detalhada, a satisfação da personagem, algo praticamente impossível de acontecer em uma relação patriarcal, caracterizada por uma vivência em que, para a mulher, não havia vida sexual plena que culminasse no orgasmo. O orgasmo feminino, por muito tempo, foi alvo de interdito. Por isso, sugerimos, é que a autora investe na representação de suas personagens, as quais conquistam a plenitude do prazer com os amantes. Essa relação de liberdade, erotismo, orgasmo, consiste em um jogo claro do balanço das sensações íntimas e a transgressão que comanda o ordenamento da possibilidade entre um e outro ser. Assim, no reconhecimento do erotismo, bem como da religião, existirá uma experiência pessoal, inigualável, que requer uma libertação no íntimo da mulher, principalmente pelo campo de liberdade que está em processo de ampliação no meio social e familiar (BATAILLE, 1987).

Ao fim da narrativa, os amantes firmam encontros semanais nas segundas, terças e quintas-feiras, no sótão da igreja, para fazer amor e conversar sobre alguns assuntos: “Ambos ficavam a manhã inteira e parte da tarde fazendo amor e sentindo cada vez mais um êxtase mais profundo e intenso”. (BELMINDA, 2011, p. 31). Ana Rosa passou a agir de forma maliciosa no ambiente familiar, pois já sabendo o que era a formiga obreira e sua função no formigueiro, a mulher sorria para o colecionador quando ele tratava-a com tal comparação, já que ela sabia da vida sexual que possuía e que quem estava servindo de obreira era o próprio colecionador, pois Alexandre passou a servir como um motivo para se intensificar os

encontros semanais com o entregador, tornando-se mais divertido e erótico, pois para ela “o marido não sabia que ele só era macho no nome e no que carregava inutilmente entre as pernas. Tampouco sabia que, mesmo sendo macho, apenas ele poderia ser comparado com a figura obreira” (BELMINDA, 2011, p. 31).

O final deste conto apresenta uma reviravolta da situação matrimonial e sexual da mulher, pois ela passou a ter uma vida íntima e plena com o amante, além do mais, mostra o total poder da mulher quanto à dominação do próprio corpo e o prazer que lhe proporcionava, pois, a partir do ato sexual prazeroso, conheceu novas sensações, sentimentos, desejos e o orgasmo, descobrindo-se uma mulher realizada sexualmente e não mais vista como objeto sexual passivo. O homem, no entanto, é ridicularizado pelo seu poder fálico, já que não mais correspondia aos anseios da esposa. Com isso, sob a autoria de Henriqueta Belminda, construímos um outro ponto de vista em torno da mulher quando o assunto é a descoberta e a vivência da sexualidade, assim como, por meio desse conto, buscamos demonstrar que há uma desestabilização dos papéis de gênero centrado apenas na figura masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar nosso estudo, faz-se necessária uma breve retomada do que abordamos no decorrer de nossa investigação quanto ao perfil de mulher elaborado sob o viés do erotismo a partir da escrita de autoria feminina. Como já foi discutido ao longo do trabalho, a mulher foi por muito tempo submissa e recatada, sem possibilidade de ascensão social e muito menos sexual. O interdito do corpo feminino foi uma prerrogativa bastante elucidativa quando pensamos na repressão que muitas sofreram, pois este era alvo constante de vigília para não cair em tentação e nem ser alvo de tentação masculina. O afloramento dos desejos sexuais era tido como pecado grave, e, por esse motivo, a mulher devia ficar retida e subjugada à sua condição de procriadora e perpetuadora da espécie.

A partir da análise do conto *A esposa do colecionador*, verificamos, ao longo da narrativa, uma inversão do papel feminino proposto pela ótica patriarcal, já que a personagem Ana Rosa é uma mulher que não conhecia outra vida social e sexual além daquela imposta

pelo seu marido, servindo como submissa sexualmente e podendo apenas ir ao mercado e a igreja. A situação de mulher no contexto social e sua transgressão a partir do erotismo, levamos a perceber que a emancipação da mulher tem relação com a liberdade dos desejos mais recônditos do corpo. Pois a mulher que se posiciona diante das situações, como sendo protagonista da sua história, não será omissa diante de posicionamentos machistas. O corpo, nessa narrativa, é visto como algo novo para a personagem, que lhe proporcionou novas sensações e prazeres, nunca antes experimentados, levando-a a procurar com insistência o amante ao marido.

O enredo nos mostrou que a transgressão total da mulher dar-se no momento em que a personagem trai o esposo na própria cama do casal, mostrando-se imperiosa na construção de sua própria história, visando sua felicidade diante dos prazeres que poderia ser proporcionado na sua nova vida sexual com o amante. Mesmo sendo tido perante a sociedade como adultério, o ato de Ana Rosa, percebemos que a busca pela felicidade é mais procedente do que os costumes impostos pela sociedade e pela religião, já que a personagem mostrou-se bastante seguidora da doutrina religiosa. É perceptível, ainda, que a escrita de autoria feminina, ao tratar do erotismo nesse conto, torna visíveis aspectos inerentes à mulher em sociedade, comprovando que a construção de perfis de mulheres transgressores enfatiza, também, a emancipação da mulher no âmbito literário.

A questão do erotismo, portanto, e a transgressão feminina ensejada na narrativa demonstra que o próprio ato sexual torna-se uma ferramenta de domínio de construção social da mulher, a qual se mostra superior e dominadora da relação diante do homem.

Portanto, buscamos dar visibilidade a um tema ainda alvo de preconceitos na atualidade, assim como inserir Henriqueta Belminda no meio acadêmico como escritora que necessita que suas produções literárias sejam vistas e analisadas sob diferentes perspectivas. Vale salientar, ainda, que é bastante significativo estudar perfis de mulheres emancipadas em narrativas de autoria feminina, pois estamos diante de elaborações distintas, singulares que apresentam um ponto de vista inerente ao pensamento da mulher diante dos interditos que ainda se fazem presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana – Porto Alegre. L&PM. 260 p. 1987.
- _____. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BELMINDA, H. **A esposa do colecionador**. Contos eróticos. 2011.
- BORGES, L. Literatura erótica de autoria feminina: questões de sexualidade e gênero. **I Congresso Internacional do Curso de História da UFG: Gênero Cultural e Poder**. v. 20, p. 34, 2010.
- BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.
- CAMPOS JÚNIOR, J. S. Literatura Paraibana de Autoria Feminina: tendências da produção contemporânea. In: SILVA, A. P. D. **O conto e o romance contemporâneo na perspectiva das literaturas pós-autônomas**. Campina Grande; Uduepb, 224 p. 2016.
- D'INCÃO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (org.) & BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 223 -240 p. 1997.
- DEL PRIORI, M. **Conversas e histórias de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 312 p. 2013.
- LOBO, L. L. B. Simone Beauvoir e depois. Revista Gênero. **Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG**. Niterói, EdUFF, nº 2. p. 30-40. 2000.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo : Contexto, 2007.
- SANTOS, A. C.; BEZERRA, A. A. C. O segundo sexo de Simone Beauvoir: estudo acerca da construção do conceito mulher. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 10, n. 1, 2017.
- SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade de UFRGS, 1995.
- SOARES, A. Vozes femininas da liberação do erotismo (Momentos selecionados na poesia brasileira). **Via Atlântica**, n. 4, p. 118-129, 2000.
- TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (org.) & BASSANEZI, C. (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 401 - 411 p. 1997.
- VALENÇA, A. M. M. Um olhar sobre o erotismo. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 5, n. 02, p. 147-159, 1994.

XAVIER, E. Para além do cânone. In: RAMALHO, C. **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.